



Da pedagogia consumista à pedagogia da partilha

From consumer pedagogy to sharing pedagogy

*Elvis Rezende Messias**

UEMG

*Mariana Silva Mancilha***

SEE/MG

Recebido em: 06/11/2022. Aceito em: 18/11/2022.

Resumo: *O presente texto objetiva provocar uma reflexão sobre a Campanha da Fraternidade de 2023, oferecendo uma leitura que a coloque em diálogo com outras campanhas, em especial à de 2022. A perspectiva é inspirar para uma nova educação, mistagógica, que problematize a lógica formativa da sociedade capitalista hodierna, que convive com a contraditória e gritante realidade da fome, e oportunize uma passagem da sua dinâmica pedagógica consumista para uma pedagogia-mistagogia da partilha. Não produzimos uma análise do Texto-Base da Campanha de 2023, mas um ensaio reflexivo-provocativo a partir dele e da perícopes bíblica que o sustenta, interpretando o “dai-lhes vós mesmos de comer” em chave crítica à pedagogia do consumo e ao assistencialismo.*

* Doutorando em Educação (Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, SP, 2021, com bolsa CAPES). Mestre em Educação (Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, Alfenas, MG, 2016). Especialista em Filosofia (Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR, Batatais, SP, 2014). Especialista em Doutrina Social da Igreja (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia, GO, 2022). Licenciado em Filosofia (Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Campanha, MG, 2012). Bacharel em Teologia (Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, 2022). Docente-pesquisador do Departamento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG Campanha.

E-mail: elvismessias.prof@gmail.com

** Mestra em Educação (Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, Alfenas, MG, 2022). Licenciada em Pedagogia (Faculdade Victor Hugo, São Lourenço, MG, 2010). Especialista em Supervisão e Gestão Escolar (Faculdade Victor Hugo, São Lourenço, MG, 2012). Docente da Secretaria de Estado de Educação do Estado de Minas Gerais, SEE/MG, Cambuquira, MG.

E-mail: ma_flauta@hotmail.com





Palavras-chave: *Campanha da Fraternidade. Fome. Consumismo. Partilha. Fé e vida.*

Abstract: *The purpose of this text is to provoke a reflection on the Fraternity Campaign of 2023 and to offer a reading option in dialogue with other campaigns, such as the one in 2022. The perspective is to inspire for a new education, mystagogic, questioning the formative logic of the current capitalist society, which coexists with the contradictory and blatant reality of hunger. The perspective is also to enable a transition from the consumerist pedagogical dynamics to a pedagogy-mystagogy of sharing. We do not produce an analysis of the Base Text of the 2023 Campaign, but a reflective-provocative essay based on it and the biblical passage that supports it, interpreting the “give them something to eat” in a critical key to the pedagogy of consumption and the welfare.*

Keywords: *Fraternity Campaign. Hungry. Consumerism. Share. Faith and life.*

1 Introdução

*Tive fome e me destes de comer.
(Mt 25,34)*

A fome não é nem jamais será algo desejado por Deus. Qualquer discurso que vise naturalizar a fome e a pobreza, com as feições miseráveis que adquiriram em nossos dias, não passará de uma justificativa ideológica a serviço de uma economia que mata (EG, 53)¹. A vida em abundância (Jo 10,10) que Jesus veio nos conquistar não convive com a fome, não faz conchavos com projetos socioeconômicos que produzem contextos de pessoas famintas. A fome, enquanto realidade de carestia socialmente construída, aquela fome biológica que não encontra solução social concreta quando ela literalmente “bate no estômago”, é um pecado que brada aos céus.

A sabedoria popular, em algumas regiões de nosso país, tem o costume de dizer que “o melhor tempero é a fome”. Ou seja, quando estamos realmente com fome, e não somente com vontade de comer algo, mesmo um alimento bem simples acaba adquirindo um sabor especial em nosso paladar. Imagine, então, a crueldade que é não ter nada para comer! Que gosto tem o gosto da fome? Deve ter gosto de morte. Como dizia o poeta: “A fome não é invenção de comunistas”².

¹ EG = *Evangelii gaudium*. FRANCISCO. *Evangelii gaudium*: exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual (24 nov. 2013). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 4 nov. 2022.

² BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado e Face imóvel*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016. p. 46.



A lógica capitalista é altamente produtiva. Vivemos uma era de intensa produção de excedentes, de artificialidade consumista. Indústrias alimentícias se multiplicam mundo afora. Como podem existir pessoas morrendo de fome ainda hoje? Toneladas de alimentos são jogados fora diariamente. Estima-se que no Brasil, por exemplo, são desperdiçados mais de 27 milhões de toneladas de alimentos³. Quantas vidas poderiam ser salvas da morte por inanição se não houvesse entre nós uma chocante insensibilidade e globalizada indiferença irrigadas pelo dogmatismo individualista, pela idolatria do dinheiro e pelo hedonismo do consumo! “E o Brasil sente fome”⁴. Há, entre nós, uma gritante contraposição entre a lógica capitalista e a lógica evangélica. O que cada uma nos ensina?

Se com a Campanha da Fraternidade (CF) de 2022 fomos convidados, dentre outras, à conversão de uma pedagogia das pedras a uma pedagogia da vida⁵ (MESSIAS; HANSEN, 2021), talvez com a CF de 2023 um convite especial nos é dirigido para que nos convertamos de uma pedagogia do consumo a uma pedagogia da partilha. Ambas as campanhas se encontram e nos interpelam: A que nos tem educado a sociedade na qual vivemos? Como temos lidado com a dor daquelas e daqueles que nos interpelam cotidianamente? “Cada ser humano que não encontra o necessário para se alimentar é, em si, um questionamento a respeito dos rumos que estamos dando a nós mesmos e à nossa sociedade”⁶.

2 Campanha da Fraternidade de 2022 e Campanha da Fraternidade de 2023

A Campanha da Fraternidade é uma singular pedagogia da fé, uma profunda oportunidade de pedagogia-mistagogia. Não somos conduzidos a qualquer coisa, mas ao mistério de nossa vida e ao mistério de Deus. E

³ Cf. <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/02/24/brasil-desperdica-cerca-de-27-milhoes-de-toneladas-de-alimentos-por-ano-60percent-vem-do-consumo-de-familias.ghtml>. Cf. <https://mspost.com.br/brasil-desperdica-27-milhoes-de-toneladas-de-alimentos-por-ano/>. Cf. <https://renda-extra.r7.com/brasil-desperdica-41-mil-toneladas-de-alimentos-por-dia-como-evitar-14082022>. Ambos os links com acesso em: 4 nov. 2022.

⁴ AZEVEDO *et al.* Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022. p. 7.

⁵ Cf. MESSIAS, Elvis Rezende. HANSEN, Jean Poul. Da “pedagogia das pedras” à “pedagogia da vida”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 661-673, set./dez. 2021.

⁶ AZEVEDO *et al.*, 2022, p. 6.



não somos conduzidos por qualquer educador, mas pelo próprio Criador, que nos visita, nos vê, se aproxima, tem compaixão de nós e nos cura, cuida de nós (Ex 3,7-8; Mt 14,14; Lc 10,33-34). Segundo explicita o Texto-Base (TB) da CF-2023⁷, os objetivos permanentes de todas as campanhas da fraternidade são (TB, 28):

- 1) despertar o espírito comunitário e cristão na busca do bem comum;
- 2) educar para a vida em fraternidade;
- 3) renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação evangelizadora, em vista de uma sociedade justa e solidária.

Como se pode ver, a perspectiva formativa/educacional é marcante nas campanhas da fraternidade, independentemente de seu tema anual. Não estando voltada a uma explicação do tempo litúrgico da Quaresma, toda CF é uma singular ocasião evangelizadora que, “aproveitando a Quaresma como tempo favorável para a conversão, aborda-os na perspectiva da conversão pessoal e coletiva, pois a fé tem também uma dimensão social” (TB, 3). Assim, ela questiona o envolvimento de pessoas, grupos e instituições no compromisso de transformação humanizada da realidade, “a fim de verificar a coerência com o projeto do Reino de Deus mediante a escuta mais atenta e comprometida do Evangelho” (TB, 3).

Os objetivos permanentes da CF nos remetem ao despertar da consciência e da fé – sobretudo das pessoas cristãs – para a interligação comunitária, possibilitando-nos uma ocasião especial de educação para o bem comum, para a vivência fraterna, para a percepção de nossa corresponsabilidade social e eclesial. A vivência da fé, para o cristianismo, implica uma profunda e irrenunciável com-vivência educativa e a ampliação da consciência de si, do outro e de Deus, para além das limitações de nossos núcleos de convívio e/ou das reduzidas perspectivas de visão de mundo que temos. Como disse certa vez um andarilho: “Senta aqui e vem ver o mundo de onde eu vejo!”⁹.

⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

⁸ Neste trabalho optamos por inserir as siglas dos documentos utilizados direto no corpo do texto e não em rodapé. Citações de trechos de livros, contudo, bem como de suas apresentações e introduções gerais, seguirão em notas de rodapés, conforme os exemplos aqui já utilizados.

⁹ MESSIAS, Elvis Rezende. *Conversa de andarilho: ensaios de filosofia do cotidiano*. Porto Alegre: Fi, 2020. p. 102.



Desse modo, está em jogo sensibilizar-nos para a compreensão da incidência social e comunitária do evangelho. O cristianismo não é uma religião do intimismo, do subjetivismo, do salvacionismo isolado. Ao contrário, a fé cristã professa fé no Deus Uno e Trino, que é, em seu próprio seio, íntima comunhão de Pessoas Divinas.

Daí, que as Campanhas de 2022 e de 2023 se encontram especialmente. Fraternidade e educação (tema da CF-2022) e Fraternidade e fome (tema da CF-2023) têm uma força singular para deseducar-nos do consumismo, do egoísmo e da indiferença, oportunizando-nos, ainda e sempre, a superação daquela “pedagogia das pedras” e da *pedagogia do consumo* para a “pedagogia da vida” e a *pedagogia da partilha*. Ora, assim como aqueles homens de fé com pedras nas mãos aprenderam aquela pedagogia apedrejadora, não somos também nós muitas vezes educados numa pedagogia consumista, egoísta e indiferente às dores dos outros? Também nós não temos sido sistematicamente formados por uma sociedade da competitividade predatória, da correria desenfreada, incitando as pessoas a buscarem uma chance nesse espaço social? Não temos aí um profundo espírito ateuista prático, que submete as pessoas a um “mediocre pragmatismo” no qual tudo parece bem, mas que, na verdade, vai degenerando a fé em mesquinhez, incoerência, vazio (DAP¹⁰, 12)? Como exorta Pagola: “Pensamos que amamos o próximo simplesmente porque não lhe fazemos nada de especialmente mau, mas continuamos vivendo num horizonte mesquinho e egoísta, despreocupados de todos, movidos unicamente por nossos próprios interesses”¹¹.

As CF-2022 e CF-2023, se podem nos deseducar do consumismo, do egoísmo e da indiferença, também podem educar-nos para a coerência da fé, para a partilha, para a solidariedade. Como tem dito o papa Francisco: “É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença” (LS¹², 52).

¹⁰ DAP = *Documento de Aparecida*. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. *Documento de Aparecida*: documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

¹¹ PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus*: Mateus. Tradução de Lúcia Mathilde Endilich Orth. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 178.

¹² LS = *Laudato si'*. FRANCISCO. *Laudato si'*: carta encíclica sobre o cuidado da Casa Comum (24 maio 2015). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/>



Necessitamos, assim, de uma profunda sensibilização, de uma educação de nossa sensibilidade, para que possamos enfrentar, com criatividade, “o flagelo da fome, sofrido por uma multidão de irmãos e irmãs, por meio de compromissos que transformem esta realidade a partir do Evangelho de Jesus Cristo”, tal como expressa o objetivo geral da CF-2023¹³. Isto é, precisamos de uma educação que nos incomode e nos desacomode, que faça ressoar em nós as vozes sistematicamente silenciadas em nossa sociedade e nos afete, capacitando-nos a acolher compromissadamente as ressonâncias afetivas das pessoas atingidas por inúmeros sofrimentos, tal como a dor aguda da fome. Como provoca uma famosa música argentina: que a dor não nos seja indiferente¹⁴.

3 O lema da CF-2023

O texto bíblico referencial para a CF-2023 é o que se encontra em Mt 14,13-21. Jesus, após saber da morte de João Batista, retirou-se, de barco, para um lugar deserto. Ao que parece, seu coração sente profundamente a morte do profeta que lhe batizou, sente pela dureza do coração daquele povo, mas vai, uma vez mais, encontrar-se com a solidariedade do Pai em oração, para refazer-se, para mergulhar no mistério de sua própria missão. E a resposta singular dessa oração é o coração faminto do povo. Quando fica sabendo que Jesus foi para um lugar distante, uma multidão de pessoas vai buscá-lo, a pé.

Estranhamente, Mateus relata que, embora Jesus tenha ido de barco, quando chegou no lugar a multidão já estava lá, mesmo tendo ido a pé (Mt 14,13-14). Quanta fome de Deus! Nem toda fome é ruim! Algumas delas são ontológicas, isto é, correspondem ao ser da pessoa humana e à sua radical condição de transcendência, ao *homo capax Dei e imago Dei* que somos: criado à imagem de Deus, o ser humano é capaz de encontrá-lo (GS, 12¹⁵) e é, justamente, nesse encontro que cada pessoa se realiza sempre mais: temos fome de Deus.

encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html. Acesso em: 6 nov. 2022.

¹³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2022, p. 9.

¹⁴ SOSA, Mercedes. Solo le pido a Dios. In: SOSA, Mercedes. *Live in Argentinien*. Ciudad del Este: Tropical Music, 1982.

¹⁵ GS = *Gaudium et spes*. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes*: constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo atual (7 dez. 1965). Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 6 nov. 2022.



Ao ver aquela multidão, o retiro de Jesus ganha outra dimensão. O lugar deserto está povoado de pessoas desérticas, e o coração de Jesus, formado na escola da compaixão, se inflama, uma vez mais, de cuidado pelo povo: Deus também tem fome do ser humano? De algum modo, parece que sim.

A sequência do Evangelho de Mateus reafirma uma especial revelação de Deus. Diz o evangelista que Jesus “vê” aquelas pessoas, “sente compaixão” e “cura” os enfermos (Mt 14,14). É o mesmo Deus relatado no livro do Êxodo, que também “tem visto” a aflição do seu povo, “escutado” seu clamor, “conhece” suas dores, “desce” para salvá-lo e conduzi-lo a um lugar de fartura, onde “corre leite e mel” (Ex 3,7-8). É, ainda, o mesmo Deus que, na pessoa do samaritano, “vê” aquele viajante machucado à beira do caminho, “aproxima-se” dele, “sente compaixão” de sua situação e “cuida” dele (Lc 10,33-34). O mesmo Deus, ontem, hoje e sempre, que “vê” aquela mulher pega em adultério e aqueles homens religiosos acusadores, “sente compaixão” de ambos, possibilita uma chance de mudança a todos e “cuida” de quem abre o coração (Jo 8,1-11), falando-lhes com sabedoria e ensinando-lhes com amor (Pr 31,26). Ao menos quatro Campanhas da Fraternidade se encontram aqui: 1988 (Fraternidade e o negro – “Ouvi o clamor deste povo”), 2020 (Fraternidade e vida – “Viu, senti compaixão e cuidou dele”), 2022 (Fraternidade e educação – “Fala com sabedoria, ensina com amor”) e 2023 (Fraternidade e fome – “Dai-lhes vós mesmos de comer”).

Jesus fica o dia todo com o povo, curando-lhe as feridas, ensinando-lhes com amor, até o entardecer. Os discípulos, preocupados com o “lugar deserto” e a “hora já adiantada”, sugerem, então, que Jesus “despeça” a multidão para que as pessoas possam “comprar” comida (Mt 14,15). Ao que responde o mestre: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!” (Mt 14,16). É este o lema da CF-2023.

Ora, a lógica evangélica se sobrepõe à lógica “capitalista”. Como precisamos ser educados para não sermos insensíveis e indiferentes! Aos discípulos faltou atenção e compaixão, aproximação, cuidado? Não ouviram o clamor profundo daquelas pessoas? Como expressa duramente Pagola, os discípulos “não aprenderam nada de Jesus. Não se importam com os famintos e os abandonam à sua sorte: que cada um ‘compre a sua comida’. O que farão os que não podem comprar?¹⁶”.

¹⁶ PAGOLA, 2013, p. 176.



Jesus, contudo, oferece a chocante lógica do evangelho, com uma outra perspectiva de relação social, com outra dinâmica econômica: “Jesus lhes responde com uma ordem taxativa que os cristãos satisfeitos dos países ricos não querem nem escutar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’. Diante do ‘comprar’, Jesus propõe o ‘dar de comer’”¹⁷. A pedagogia do consumo egoísta dá lugar à pedagogia da partilha. A alternativa de Jesus é essa: “uma sociedade mais humana, capaz de compartilhar seu pão com os famintos, terá recursos suficientes para todos”¹⁸. Estamos, de fato, diante da singular “economia da salvação” com a qual Deus se aproxima de nós, nos educa e salva integralmente.

É preciso compreender que a proposta de Jesus não se reduz a um mero assistencialismo imediatista. Ao contrário do que apressadamente possa parecer, o “dai-lhes vós mesmos de comer” oferece pistas para uma radical transformação social. Quebra-se toda uma lógica societária que vê no “cada um por si e Deus por todos” o *slogan* perfeito para a perpetuação de seu *status quo*; rompe-se com o individualismo consumista, veneno letal contra nossa condição de “pessoas” criadas à imagem da Trindade de Pessoas, cuja relacionabilidade é intrínseca¹⁹, pois não é só o coletivismo que afronta diretamente a dignidade humana, mas também o individualismo, que é um dogmatismo inquestionável da lógica capitalista²⁰. A proposta de Jesus, ao ver aquele povo faminto e com certeza endividado, uma vez que esses “eram os problemas mais angustiosos nas aldeias da Galileia: a fome e as dívidas”²¹, é a do chamamento a uma conversão pessoal profunda, que pode ter força suficientemente capaz

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. Tradução de Pe. Antônio Steffen, SJ. São Paulo: Loyola, 2007. p. 178-192.

²⁰ Tal como explicita Rodrigues (2008), por um lado, a sociedade tem seu fim não em si mesma, mas na pessoa, tal como a pessoa se finaliza, não em si mesma, mas unicamente em Deus. Defender o contrário seria cair no erro do *coletivismo* e de sua expressão mais acabada que é o totalitarismo (que tem expressões tanto em ideologias de “esquerda” quanto de “direita”). É preciso, então, que se reconheça e defenda a dignidade integral da pessoa e o seu direito/dever de se autodeterminar. Por outro lado, não se deve pensar que o respeito devido à autonomia da pessoa e à sua dignidade transcendente justifica que se faça da pessoa um ídolo, pois seria cair no outro erro nefasto, que é o *individualismo*. É preciso, então, que se reconheça e defenda que a pessoa humana é intrinsecamente relacional, de tal forma que o direito/dever de se autodeterminar não permite ao ser humano considerar-se isento de responder ao bem comum. (cf. RODRIGUES, Antônio dos Reis. *Pessoa, Sociedade e Estado*. Estoril: Príncípa, 2008. p. 59-60).

²¹ PAGOLA, 2013, p. 177.



para romper com a ordem socioeconômica então imposta. Como explica Pagola: “Jesus via com clareza a vontade de Deus: compartilhar o pouco que tinham e perdoar-se mutuamente as dívidas. Só assim nasceria um novo mundo”²². E é assim que está posto na oração que ele mesmo ensinou: Pai Nosso, dai-nos o pão de cada dia e perdoai-nos as nossas ofensas/dívidas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido / nos deve alguma coisa.

O Texto-Base da CF-2023 assim se expressa:

O deserto é o tempo da partilha, da igualdade, em que cada um conta com a solidariedade dos outros, onde não há egoísmo, injustiça, prepotência, apropriação individual dos bens que pertencem a todos e em que todos dão as mãos para superar as dificuldades da caminhada. No deserto, quem é egoísta, autossuficiente e não aceita contar com os outros está condenado à morte (TB, 18).

Evidencia-se aí a igualdade de todas as pessoas e a vocação fraterna que temos em nossa própria condição humana. Para além do predicado, o que importa primeiro é o sujeito, e todo e qualquer predicado só faz sentido se estiver a serviço da dignidade dos sujeitos humanos.

Todavia, desafios existem, e muitos, mas Jesus procura interpelar os discípulos com sua proposta de que eles dessem de comer àquele povo. Explica o Texto-Base:

[...] Jesus compromete os discípulos. É necessário que se sintam responsáveis diante das necessidades dos outros. A comunidade cristã não pode assistir indiferente à fome no mundo. A mensagem de Jesus é um programa de vida que contempla também a dimensão material. Portanto, saúde e alimentação devem ser prioridades na comunidade cristã (TB, 22).

O Evangelho, como se disse, tem profunda incidência social. A salvação é integral, abrangendo, desse modo, todas as dimensões da vida humana, sem exclusão de nada – economia, política, cultura, ambiente, trabalho, sociedade, técnica – nem de ninguém, envolvendo todas as pessoas e cada pessoa no seu todo (CDSI, 1²³).

²² Ibid.

²³ CDSI = Compêndio da Doutrina Social da Igreja. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.



Não vemos, nos relatos evangélicos, Jesus isolado com uma ou outra pessoa apenas, montando um grupelho de pessoas privilegiadas ou atuando como um curandeiro intimista. Sua atuação é profundamente questionadora da realidade social e religiosa então em vigor em seu contexto. A seus seguidores e suas seguidoras envia à missão, educa para a fraternidade, não aceita fechamentos ou intenções de privilégio. Chama a servir aos outros. Com certeza, os rostos sofredores eram muitos entre eles, e também, eram muitas as fomes a serem vencidas. Segundo Pagola:

*O relato evangélico nos lembra que não podemos comer tranquilos nosso pão e nosso peixe, enquanto perto de nós existem homens e mulheres ameaçados por tantas “fomes”. Nós, que vivemos tranquilos e satisfeitos, temos que ouvir as palavras de Jesus: “Dai-lhes vós de comer”.*²⁴

Mas o relato de Mateus tem continuidade, e ele demonstra que os discípulos seguem resistentes, dizendo a Jesus que somente havia ali cinco pães e dois peixes (Mt 14,17). Há um certo realismo (TB, 23), inquestionável até, mas Jesus segue persistente na proposta de uma nova lógica. Pede para que tragam o que conseguiram reunir (Mt 14,18) e chama as pessoas para se sentarem na relva para a refeição (Mt 14,19a). Sem dúvidas, uma atitude ousada. A lógica evangélica chama a colocar à disposição tudo que temos, mesmo que seja pouco: “O número 7, como resultado de 5 [pães] + 2 [peixes], significa totalidade” (TB, 23). No mundo há alimento suficiente para todas as pessoas, e pessoas suficientes para ajudar cada pessoa necessitada de alimento, até que ninguém mais precise mendigar alimentação.

Jesus, na sequência, faz um gesto profundamente eucarístico: “Tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos, e os discípulos os distribuíram às multidões” (Mt 14,19b). Cuidar dos outros é “sagrado”, não existe cristianismo sem esse gesto diário. Qual é o nosso gesto hoje? O que devemos fazer para que nosso alimento seja realmente abençoado? Quais rostos sofredores e tipos de fomes nos interpelam? E o que temos feito para cuidar daqueles e daquelas que vivem a – ou sobrevivem à – crueldade da fome do alimento cotidiano sem o básico para nutrirem-se biologicamente?

²⁴ PAGOLA, 2013, p. 179.



Havia pouco pão e pouco peixe. Mas o relato bíblico diz que “todos comeram e se saciaram”, que “eram mais de cinco mil homens, além das mulheres e crianças” e que “sobraram 12 cestos cheios de alimento” (Mt 14,20-21). Uma cena demasiadamente impensável de acontecer²⁵. Todavia, não poderá mesmo nossa mente (des)educada na lógica consumista, acumuladora e individualista compreender esse mistério. A lógica evangélica opera aqui sua pedagogia-mistagogia e nos conduz a um aprendizado com profundo sentido teológico:

Com isso, o Evangelista quer ensinar que os resultados são sempre surpreendentes quando se põe em prática o que Jesus ensinou, isso reforça o convite para a comunidade não ter medo de partilhar o que tem. [...] Nós temos responsabilidades na forma como o mundo se constrói. Que podemos fazer para que o nosso mundo seja alicerçado sobre outros valores, aqueles que encontramos na fonte da Palavra? (TB, 26.28).

A exigência está posta: superar a pedagogia do consumo pela pedagogia da partilha, graças Àquele que partilha conosco o dom amoroso e compassivo de sua solidariedade.

4 A CF-2023 e os princípios da Doutrina Social da Igreja

Uma palavra ainda queremos trazer sobre a forte presença dos princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI) iluminando o ensinamento da Campanha da Fraternidade de 2023. Tais princípios são os seguintes:

- Dignidade integral da pessoa humana.
- Bem comum.
- Destinação universal dos bens.
- Subsidiariedade.
- Participação.
- Solidariedade.

Como bem aponta o Texto-Base da CF-2023 (TB, 7), a fome é uma realidade a ser sempre repudiada e incansavelmente combatida por

²⁵ Talvez não seja tão “impensável” assim. Como não nos lembrar dos “cafés comunitários” que, em muitas ocasiões, marcam a convivência fraterna em nossas paróquias e comunidades? Neles, frequentemente, cada pessoa oferece o pouco que tem, e quase sempre todos saem saciados e ainda sobram cestos. É uma fartura impregnada de fé, de partilha, de realização humana. Um milagre de multiplicação/partilha diante de nossos olhos?



ser uma afronta direta e imediata a todos os princípios fundamentais da DSI, destacando-se aquele da destinação universal dos bens.

A fome é um contratestemunho que não reconhece de forma prática a dignidade integral das pessoas, não considera a primazia do bem comum como o conjunto de todos os bens necessários para cada ser humano se realizar humanamente, além de gerar toda uma conjuntura que faz com que a pessoa em situação de fome esteja em menores condições de participação, como se fosse indigente, invisível, correndo o risco de reduzir a solidariedade ao assistencialismo que, embora ajude nos momentos mais agudos, não transforma efetivamente as estruturas de pecado (TB, 7).

Aí se vê, de modo sintético, a presença dos princípios da DSI:

1. *A dignidade integral da pessoa humana* evidencia que nada pode faltar ao ser humano em movimento constante de realização de sua própria humanidade. Somos integralmente dignos, em corpo e alma, como unidade dual (GS, 14).

2. O *bem comum*, tal como compreende a Igreja, é o conjunto das condições concretas que permitem a todos e cada um atingir níveis de vida compatíveis com sua dignidade (GS, 26). Não se limitando, portanto, ao mero bem da maioria, o bem comum está orientado ao favorecimento do desenvolvimento da pessoa em sua totalidade (GS, 74). Não é possível amar o próximo sem um empenho eficaz em ações que respondam às suas necessidades mais concretas (CV²⁶, 6-7). Ou seja, o bem comum é o empenho pelo bem todo de todos.

3. O princípio da *destinação universal dos bens* oferece uma interpelação singular. Subordinado ao princípio do bem comum, ele compreende que os bens criados pertencem a todas as pessoas. Desse modo, todos têm direito à “possibilidade de usufruir do bem-estar necessário para o seu pleno desenvolvimento” (CDSI, 172), e isso não pode ser confundido com um falso direito de posse exacerbada de bens. Ora, para a Igreja, o direito à propriedade privada jamais foi tomado como um direito absoluto e intocável (CDSI, 177). Como aceitar que poucas pessoas concentrem uma quantidade tão alta de bens, ao passo que uma

²⁶ CV = *Caritas in veritate*. BENTO XVI. *Caritas in veritate*: carta encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 jun. 2009). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 6 nov. 2022.



multidão vive em intensa escassez? Não é possível aceitá-lo. Segundo Pagola, quando Jesus pronuncia as palavras de bênção e de ação de graças sobre aqueles alimentos, “o pão se desvincula de seus possuidores para considerá-lo dom de Deus e reparti-lo generosamente entre todos que têm fome. É esta a lição profunda do relato: ‘quando se liberta a criação do egoísmo humano, sobra para cobrir a necessidade de todos’”²⁷.

4. O princípio da *subsidiariedade*, por sua vez, tem em vista o desenvolvimento autônomo da pessoa ou de um grupo de pessoas ajudado. Ora, como poderá ter plena autonomia quem não tem o mínimo para sobreviver? Infelizmente, sabemos o quanto a fragilidade humana e a indigência absurda de tantas pessoas são alvos de um mercado de aproveitamento que as toma com projetos paternalistas, populistas, exploratórios. Ajudar o próximo com o básico obriga-nos – e ao Estado, especialmente – a atendê-lo em suas necessidades imediatas, mas também a procurar que seja transformada a estrutura injusta da sociedade que produz famintos e necessitados de todo tipo. Como expressa o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*:

Sem dúvida alguma, é um ato de caridade a obra de misericórdia com que se responde aqui e agora a uma necessidade real e imperiosa do próximo, mas é um ato de caridade igualmente indispensável o empenho com vistas a organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não venha a encontrar-se na miséria [...] (CDSI, 208).

5. Daí que o princípio da *participação* se apresenta com singular importância. Ele prevê que toda pessoa tem algo a oferecer à sociedade. Ou seja, a participação

[...] se exprime, essencialmente, em uma série de atividades mediante as quais o cidadão, como indivíduo ou associado com outros, diretamente ou por meio de representantes, contribui para a vida cultural, econômica, política e social da comunidade civil a que pertence: a participação é um dever a ser conscientemente exercitado por todos, de modo responsável e em vista do bem comum (CDSI, 189).

Frequentemente, aquele e aquela aos quais falta o mínimo se deparam com uma situação de profunda instabilidade, de sensação de fraqueza, não somente biológica, mas social, podendo sentir-se socialmente excluído, politicamente impotente, antropologicamente diminuído,

²⁷ PAGOLA, 2013, p. 180.



invisível. Isso pode alimentar um ciclo vicioso de exploração e de perpetuação de uma sociedade que naturaliza a exploração e meritocratiza a desigualdade.

6. A *solidariedade*, por fim, é um princípio basilar. O próprio Jesus, que se solidarizou com nossa condição e a assumiu de modo pleno, é o vértice insuperável da humanidade e da própria sociedade: nele vemos o verdadeiro homem novo, solidário com a humanidade na radicalidade da encarnação, da coerência cotidiana e no doar-se/perder-se até à morte e ressurreição.

Ensina a Igreja que a solidariedade atua tanto como princípio social quanto como virtude moral. No que tange ao primeiro, atua como princípio ordenador/regulador, devendo transformar as estruturas de pecado em estruturas de solidariedade. E no que tange ao segundo, aparece como determinação de empenhar-se firme e perseverantemente pelo bem comum, não se reduzindo a mero bom sentimento, convidando a pessoa a perder-se em vez de explorar, a servir em vez de oprimir (CDSI, 193).

Em síntese, a solidariedade nos ensina que cada pessoa cresce em valor e dignidade na medida em que investe suas capacidades e seu dinamismo na promoção da dignidade integral da pessoa do outro.

5 Considerações finais

Nem toda fome é ruim. Temos fome de Deus, temos fome de vida em abundância, temos fome de convivência social, de fraternidade. Como ensinam as *bem-aventuranças*, são “felizes os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6). Diz Pagola que esses bem-aventurados são “aqueles que não perderam o desejo de ser mais justos nem o afã de construir um mundo mais digno. Feliz a Igreja que busca com paixão o Reino de Deus e sua justiça. Nele surgirá o melhor do espírito humano. Um dia seu desejo ardente será saciado”²⁸. E o papa Francisco ensina:

Jesus proclama nesta bem-aventurança – fome e sede de justiça – que há uma sede que não será desiludida; uma sede que, se for satisfeita, será saciada e será sempre bem sucedida, porque corresponde ao próprio coração de Deus, ao seu Espírito Santo que é amor, e também à semente que o Espírito Santo semeou nos nossos corações. Que o Senhor nos

²⁸ PAGOLA, 2013, p. 65.



*conceda esta graça: ter esta sede de justiça que é precisamente o desejo de o encontrar, de ver Deus e de fazer o bem aos outros.*²⁹

Sobre essa realidade, podemos até dizer como Adélia Prado: o que eu quero é a fome³⁰. Todavia, há uma situação gritante de miséria e fome imerecidas, fruto de uma sociedade que insiste em conduzir-se por uma lógica de acúmulo capitalista, globalizando a indiferença e formando as pessoas em uma pedagogia do consumo. De fato, como diz a música, “a gente não quer só comida”³¹. Temos muitas outras fomes, temos muitos outros sonhos. Mas, se nos falta o alimento cotidiano básico, não temos condições de sonhar mais nada. Essa categoria de fome é profundamente indigna do ser humano. Diante de tal situação, “não dá para correr o risco de ouvir do Senhor: ‘pois eu estava com fome e não me destes de comer’ (Mt 25,42)” (TB, 164).

Precisamos de uma educação que amplie a nossa consciência da gravidade do processo atual de desenvolvimento socioeconômico e que nos eduque para a partilha fraterna. Precisamos de uma nova sensibilidade humana, de um novo sonho político, de maior coerência entre fé e vida.

*Há pão suficiente para todos, se soubermos compartilhá-lo de maneira solidária. Longe de despertar novos racismos e xenofobias, o que se deve fazer é educar na solidariedade a opinião pública e promover sobretudo programas de ajuda e cooperação que possam ir tirando os países da fome de sua prostração econômica*³².

Por fim, tal como expresso em uma usual jaculatória rezada pelos católicos: que, por nossas mãos, o Senhor dê pão a quem tem fome e dê fome de justiça a quem tem pão. Assim seja.

²⁹ FRANCISCO. *Audiência geral: catequese sobre as bem-aventuras* – 5 (11 mar. 2020, não paginado). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200311_udienza-generale.html. Acesso em: 6 nov. 2022.

³⁰ PRADO, Adélia. *Não quero a faca nem o queijo, quero a fome* (não datada e não paginado). Disponível em: <https://www.cultcarioca.com.br/2011/10/adelia-prado-40-anos-nao-queiro-faca-nem.html>. Acesso em: 6 nov. 2022.

³¹ ANTUNES *et al.* Comida. In: TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA, 1987.

³² PAGOLA, 2013, p. 180.



Referências

ANTUNES *et al.* Comida. In: TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*. Rio de Janeiro: WEA, 1987.

AZEVEDO, D. Walmor Oliveira de *et al.* Apresentação. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

BARROS, Manoel de. *Poemas concebidos sem pecado e Face imóvel*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BENTO XVI. *Caritas in veritate*: carta encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade (29 jun. 2009). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 6 nov. 2022.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. *Documento de Aparecida*: documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. *Evangelii gaudium*: exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual (24 nov. 2013). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 4 nov. 2022.

FRANCISCO. *Audiência geral*: catequeses sobre as bem-aventuranças – 5 (11 mar. 2020). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200311_udienza-generale.html. Acesso em: 6 nov. 2022.

FRANCISCO. *Laudato si'*: carta encíclica sobre o cuidado da Casa Comum (24 maio 2015). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 6 nov. 2022.



MESSIAS, Elvis Rezende. *Conversa de andarilho: ensaios de filosofia do cotidiano*. Porto Alegre: Fi, 2020.

MESSIAS, Elvis Rezende. HANSEN, Jean Poul. Da “pedagogia das pedras” à “pedagogia da vida”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 661-673, set./dez. 2021.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Mateus*. Tradução de Lúcia Mathilde Endilich Orth. Petrópolis: Vozes, 2013.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Tradução da CNBB. São Paulo: Paulinas, 2005.

PRADO, Adélia. *Não quero a faca nem o queijo, quero a fome*. Disponível em: <https://www.cultcarioca.com.br/2011/10/adelia-prado-40-anos-nao-queiro-faca-nem.html>. Acesso em: 6 nov. 2022.

RATZINGER, Joseph. *Dogma e anúncio*. Tradução de Pe. Antônio Steffen, SJ. São Paulo: Loyola, 2007.

RODRIGUES, António dos Reis. *Pessoa, Sociedade e Estado*. Estoril: Príncipe, 2008.

SOSA, Mercedes. Solo le pido a Dios. In: SOSA, Mercedes. *Live in Argentinien*. Ciudad del Este: Tropical Music, 1982.